



Afro-Ásia

Universidade Federal da Bahia

afroasia@ufba.br

ISSN (Versión impresa): 0002-0591

BRASIL

2001

Pedro de Almeida Vasconcelos

MILTON SANTOS GEÓGRAFO E CIDADÃO DO MUNDO (1926-2001)

Afro-Ásia, número 25-26

Universidade Federal da Bahia

Bahía, Brasil

pp. 369-405

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal

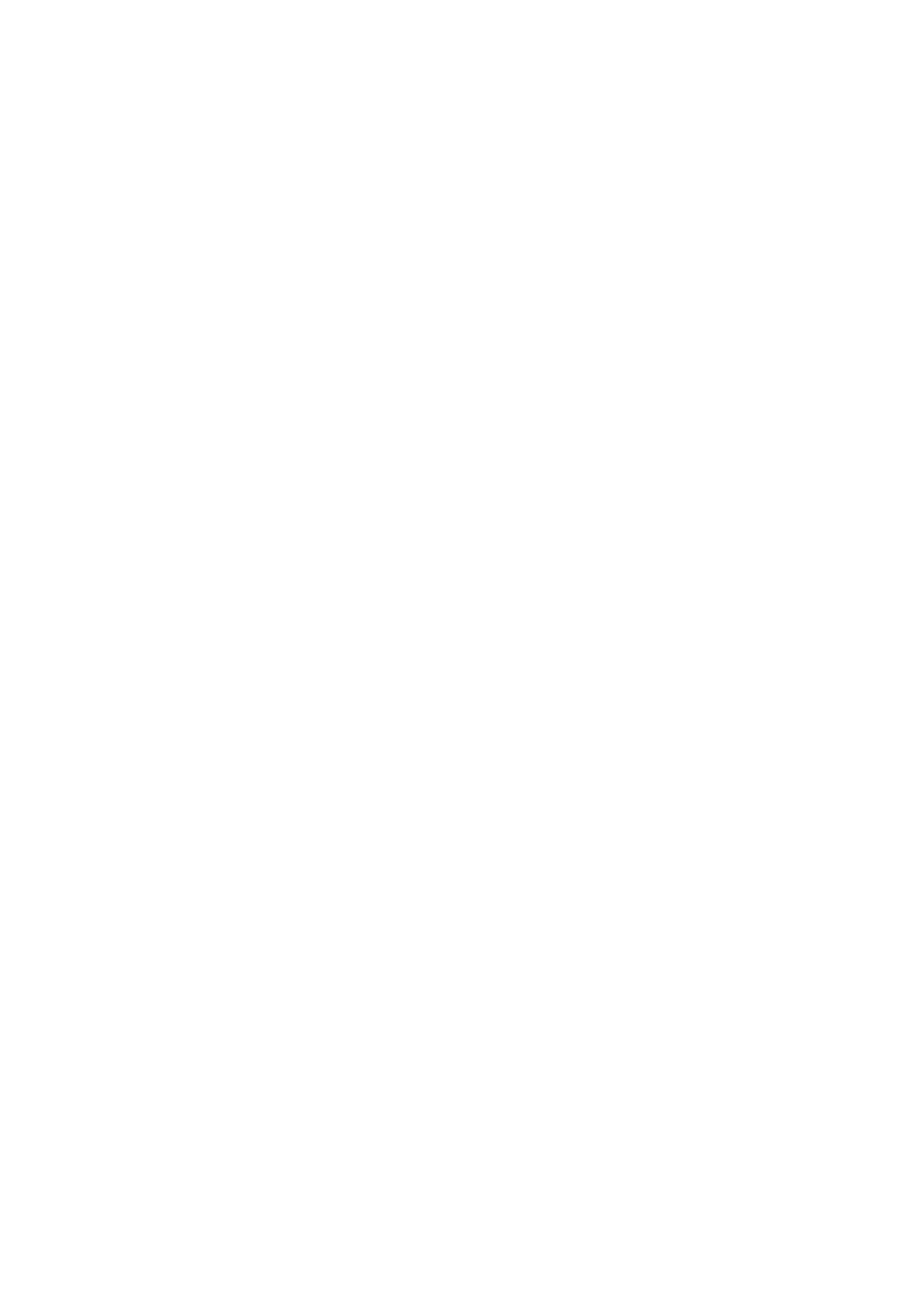
Universidad Autónoma del Estado de México

<http://redalyc.uaemex.mx>



HOMENAGEM







MILTON SANTOS
GEÓGRAFO E CIDADÃO DO MUNDO
(1926-2001)

Pedro de Almeida Vasconcelos^{*}

Não é simples fazer um balanço da vida, e sobretudo da produção deixada por Milton Santos, já que esta contabiliza a publicação de mais de 40 livros e mais de 300 artigos. Deve ser considerado ainda que, a sua rica e original produção de noções, categorias e conceitos, resultaram num conjunto teórico articulado, que colocou a Geografia nos limites de uma Filosofia do Espaço.

Milton Santos, porém, teve que enfrentar vários obstáculos, não só o de ser negro, descendente de escravos, numa sociedade que guarda um grande peso do passado escravista; como de ser baiano e nordestino, num país, em que o preconceito regional também é forte; e de ser geógrafo por opção, numa academia que, na época, desconsiderava a disciplina.¹ Porém, Milton conseguiu superar tudo: levantou a auto-estima dos negros, na medida que se destacou como intelectual; como baiano e nordestino impôs-se como Professor Titular da maior universidade brasileira, a Universidade de São Paulo; e como geógrafo, teve o reconheci-

* Ph.D em Geografia pela Universidade de Ottawa, Canadá. Professor do Mestrado em Geografia da Ufba e do Mestrado em Análise Regional da Unifacs.

¹ “Um saber geográfico que se mantinha muito regional, periférico, senão menosprezado no universo intelectual universitário dos anos 60”. François Dosse, *História do Estruturalismo*, vol. 2, Campinas, Ensaio, 1994, p. 349)

to internacional, com o recebimento do Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud, o equivalente ao Nobel, na área da Geografia.

Sua vida e sua obra são inseparáveis, tendo em vista que os caminhos tomados ajudam a entender a riqueza de sua contribuição acadêmica. Neste sentido, este texto será dividido em três partes, e se apoiará, sobretudo, nas leituras anteriormente realizadas, nas entrevistas disponíveis e no livro editado em sua homenagem, em 1996, que conta com 65 depoimentos, além do seu *curriculum vitae*.

As raízes baianas e os estudos regionais

Milton Santos nasceu em Brotas de Macaúbas, na Chapada Diamantina, em 3 de maio de 1926, em virtude da nomeação dos seus pais, que eram professores primários, para aquele município. No ano seguinte, foram transferidos para Itapira, atual Ubaitaba, e em 1929, para Alcobça, no sul do estado. De fato, Milton era originário de uma família de pequena classe média, enquanto seus avós vinham de origens diversas: teve como avós paternos, lavradores meeiros em Salvador, de origem escrava, enquanto que os de origem materna, formados na Escola Normal e professores do Centro Operário Baiano, já pertenciam à pequena burguesia negra baiana. Seu avô materno foi prefeito do Município da Glória, e seu bisavô materno foi maestro e proprietário de escravos.² Milton realizou seus primeiros estudos em casa e começou a aprender o francês, com seus pais, aos oito anos de idade. Cabe ainda adicionar que foi educado para não gostar do futebol, a não saber nada do candomblé, e que foi preparado para a “função de mando”,³ o que é importante em uma sociedade autoritária como a nossa.

Para cursar o ginásio, foi enviado para Salvador, aos 10 anos, tendo passado no exame de admissão, no Instituto Baiano de Ensino, onde ficou residindo como interno. Era um ginásio leigo, que contava

² Maria Adélia de Souza, “Por ouvir dizer e por querer saber: conversando com Milton”, in Maria Adélia de Souza (org.), *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo* (São Paulo, Hucitec, 1996), p. 28.

³ Milton Santos, *Território e Sociedade*, São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2000, pp. 76 e 86.

com professores que também ensinavam nas faculdades. Começou a se destacar em Matemática, e passou a ensinar a disciplina aos 13 anos, no referido instituto. Teve contato com a Geografia através de seus professores Oscar Hilário e Osvaldo Imbassahy, que indicou a leitura do livro de Josué de Castro, *Ensaio de Geografia Humana*, tendo sido, portanto, o primeiro geógrafo que o influenciou, e que certamente aguçou seu interesse pela Geografia. Ainda no final do Ginásio, em 1941, foi convidado a ensinar Geografia no próprio estabelecimento.

Em 1942 e 1943 realizou o Curso Complementar, que antecedia, na época, os cursos universitários. Neste período participou da fundação da Associação dos Estudantes Secundários da Bahia, mas foi vetado a presidi-la, por amigos do Partido Comunista, por sua cor negra: temos aqui um primeiro obstáculo racista a uma carreira política. Embora gostasse de Matemática, não tentou entrar na Escola Politécnica, que “não gostava de admitir negros”, conforme revelou na entrevista de 1989, ou seja, um primeiro obstáculo racista na carreira profissional.

Em 1944 fez vestibular para Direito, na Universidade Federal da Bahia, e concluiu seu curso em 1948, como Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Teve excelentes professores no período, como Nestor Duarte, Aliomar Baleeiro, Aluísio de Carvalho Filho, Orlando Gomes, Evandro Balthazar e Luiz Viana Filho. Após a formatura, realizou concurso para Professor Catedrático do Colégio Municipal de Ilhéus, tendo, para tanto, escrito a tese, “O povoamento da Bahia”, seu primeiro livro, parcialmente inspirado nos trabalhos de Felisberto Freire, e que foi editado no mesmo ano de 1948. Esse trabalho foi resenhado pela geógrafa Jacqueline Beaujeu-Garnier, na revista *L'Information Géographique*. Milton dá início, portanto, à sua longa carreira de professor e de acadêmico, que durará até o final de sua vida, correspondendo a mais de meio século de produção contínua. Também em Ilhéus, começou a ser representante do importante jornal *A Tarde*, de Salvador, dando início a sua carreira de jornalista, sendo responsável por uma coluna sobre fatos locais. A partir de Ilhéus, se candidatou a vereador, em Salvador, mas não foi eleito. Nesse período começou a frequentar os cursos de especialização oferecidos pelo Conselho Nacional de Geografia, no Rio de Janeiro, quando conheceu Araújo Filho e Aroldo de Azevedo. Como resultado

dessas viagens e contatos, Milton Santos criou a sessão baiana da Associação de Geógrafos Brasileiros - AGB e o *Boletim Baiano de Geografia*. Ainda no período em que permaneceu em Ilhéus, foi publicado o seu primeiro artigo, “Geografia antiga e moderna”, em 1952, na Revista da Educação e Cultura, de Salvador.

Voltou no ano seguinte para Salvador, e passou a ser o principal redator do jornal *A Tarde*. Começou também a dar aulas em estabelecimentos secundários, como no Colégio das Mercês, e continuou a publicar livros e artigos que refletiam sua preocupação com a questão regional, e especificamente com a região cacauceira, na qual tinha vivido o início de sua carreira. Podem ser destacados, neste período, os *Estudos sobre geografia* e *Os estudos regionais e o futuro da geografia*, publicados em Salvador, em 1953, assim como seu primeiro estudo sobre Geografia Urbana: “Ubaitaba, estudo de geografia urbana”, publicado também em Salvador, em 1954.

O ano de 1954 foi importante para o autor, pois começou a dar aulas, como professor de Geografia Humana, da Faculdade Católica de Filosofia, ou seja, estava começando a sua carreira de professor universitário. Em 1955 foi publicado o livro *Zona do cacau, introdução ao estudo geográfico*, que foi seu primeiro trabalho a ser destacado, merecendo a indicação para a publicação na respeitável Coleção Brasileira, da Companhia Editora Nacional, em 1957, através de Aroldo de Azevedo.

Nesse período, Milton já freqüentava as reuniões nacionais da AGB, nas quais eram realizados cursos e excursões, onde o autor, além de se aprofundar na disciplina escolhida, deu início a inúmeras amizades com colegas de todo o Brasil. Em 1956 participou do Congresso Internacional de Geografia, no Rio de Janeiro, e do Curso de Altos Estudos Geográficos, juntamente com Manuel Correia de Andrade, momento em que ampliou o conhecimento dos colegas franceses, como P. Deffontaines, P. Mombeig, A. Cailleux, P. Birot, e o alemão K. Troll. Nessa ocasião, convidou o professor Jean Tricart para visitar a Bahia.

Foi convidado, em seguida, para realizar seu curso de doutorado em Estrasburgo, e teve o professor Tricart como orientador, que muito lhe influenciou, tendo sido a pessoa que mais lhe impressionou, passado-lhe a “vontade de disciplina, rigor, obediência a projetos”, além de intro-

duzi-lo aos primeiros textos marxistas.⁴ Em Strasburgo também trabalhou com E. Juillard. No período de realização do doutorado, teve contato com o jornal *Le Monde*, que lhe deu outra visão do mundo. Também realizou suas primeiras viagens pela França, e após o doutorado, pela África, o que não era muito comum para os brasileiros, no período. Concluiu seu doutorado com a tese *O Centro da Cidade de Salvador*, em 1958, publicada em 1959, pela Livraria Progresso Editora, de Salvador. Esse livro é composto por quatro capítulos, o primeiro trata da evolução da cidade, o segundo das funções da cidade, o terceiro, da paisagem e da vida e o quarto da estrutura urbana dos bairros centrais, seguindo a metodologia das monografias francesas. Merece destaque a utilização dos conceitos de indivisibilidade da paisagem e os elementos da estrutura urbana (p. 21), que serão recuperados em estudos posteriores.

Também em 1958, foram publicados os *Estudos de Geografia da Bahia*, com o sub-título *Geografia e Planejamento*, editado em colaboração com Tricart. Na Introdução, Milton Santos já menciona que a Geografia aparece como uma espécie de “filosofia das técnicas” (p.7), tema ao qual dará sempre continuidade. O livro, também editado pela Progresso, conta com os capítulos “O Problema da Divisão Regional da Bahia”, escrito por Tricart e Milton Santos, a “Zona de influência comercial no Estado da Bahia”, por Milton Santos, e o “Reconhecimento Geográfico da Bahia do Rio Itapicurú”, capítulo conjunto de Tricart, Milton Santos, Teresa Cardoso da Silva e Ana D. S. Carvalho. Ainda em 1958 foi publicado o trabalho “Localização industrial”, realizado em colaboração com D. Jacobina, nos *Estudos e Problemas da Bahia*, em edição mimeografada.

Foi convidado para trabalhar na Universidade Federal da Bahia, tendo o Reitor Edgar Santos criado o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, cujos trabalhos tiveram inícios em janeiro de 1959, com a colaboração francesa, através de Tricart. Neste laboratório, Milton Santos organizou um pioneiro grupo de pesquisa em geografia, inclusive convidando geógrafos de outros estados para participar. Também nesse ano foi nomeado Diretor da Imprensa Oficial do Estado, pelo

⁴ Santos, *Território e Sociedade*, p. 93.

Governador Juracy Magalhães, mas suas prioridades eram com a montagem do centro de pesquisa.

Nesse ano foram publicados, além da sua tese de doutorado, os estudos *A cidade como centro de região*, e *A rede urbana do Recôncavo*, primeiros resultados de pesquisas publicados pelo referido laboratório. Sylvio Bandeira destacou que no primeiro estudo, “A teoria de localidades centrais, de Walter Christaller, é apresentada com pioneirismo no Brasil”, e que no segundo “é aplicado, também, com pioneirismo, o método Rochefort”.⁵ O trabalho sobre o Recôncavo foi republicado, em 1998, em um livro organizado pela socióloga Maria Brandão, sobre a região. Também em 1959, ele publicou seu primeiro artigo em uma revista estrangeira, na *L'Information Géographique*, de Paris.

Em 1960, realizou o Concurso de Livre-Docência para a Universidade Federal da Bahia, tornando-se, no ano seguinte, Professor Catedrático de Geografia Humana. Nesse ano, realizou viagem a Cuba, na comitiva de Jânio Quadros, como jornalista. Ainda em 1960, recebeu o convite do Presidente para exercer o cargo de Embaixador do Brasil em Gana, convite que não foi concretizado, pelo prolongamento de uma viagem na França. Ainda durante o Governo de Jânio Quadros, em 1961, foi nomeado Sub-Chefe do seu Gabinete Civil, e seu representante pessoal na Bahia.

Nesse ano, foi publicado seu livro *Marianne em Preto e Branco*, no qual comenta as viagens realizadas na França e no continente africano. O livro é voltado para o grande público e Milton se apresenta, inicialmente, na condição de “jornalista e geógrafo” (p.6). Ele é dividido em duas partes. Na primeira, “Imagens da Europa”, conta, em 11 capítulos, sua estadia na França. Há um capítulo específico sobre “A nova geografia”, no qual ele destaca a missão do geógrafo como transcendente, e onde ele pretende atingir uma certa “filosofia da técnicas”, e oferecer uma síntese indispensável que só a Geografia poderia empreender (p.68). A segunda parte, “Imagens da África”, com seis pequenos capítulos, é mais interessante, pois revela a sua primeira impressão sobre o continente africano: comenta o “Perigo doméstico”, quando trata da concorrên-

⁵ Sylvio Bandeira de Mello e Silva, “Geografia aplicada, planejamento e desenvolvimento: raízes em tributo a Milton Santos”, in Maria Adélia de Souza (org.), *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo* (São Paulo, Hucitec, 1996), p. 158.

cia do cacau africano, com o brasileiro, seguido pela comparação entre a produção baiana e a africana, em “Cacau, lá e cá”. A partir de São Luiz do Senegal, comenta “As franjas do deserto”, no qual utiliza o conceito de “gênero de vida” (p.93). No capítulo sobre “Dakar”, ele manifesta sua surpresa diante da cidade africana que “ultrapassa toda a minha expectativa e põe abaixo as impressões preconcebidas, oriundas de leituras, fotografias e filmes”, considerando que estava ocorrendo uma verdadeira “explosão urbana”, e sentindo uma vitalidade incontida e “um brutal entrechoque de civilizações” (p.97). Menciona também “os grandes edifícios e as belas residências que dão um aspecto moderno a esta metrópole africana” (p.98). Em seguida, comentou o grande estabelecimento agrícola “Richard Toll”, empreendido pelos franceses, para o cultivo do arroz. No último capítulo, “Em pleno Sudão”, o autor comenta a cidade de Bamako, atual capital do Mali, e a descreve como uma “cidade verde”, não ostentando, porém, nenhum arranha-céu como Dakar, mas contando com um movimentado comércio. Milton Santos se encantou com os mercados: “um espetáculo para os olhos” (p.108), e ainda informou ter encontrado, na viagem, o geógrafo francês J. Dresch (p.112).

Em 1962, durante o governo João Goulart, Milton realizou uma segunda viagem à África, quando escreveu alguns artigos para jornais que nos dão outras impressões sobre o continente visitado.⁶ Um é intitulado “As Portas do Futuro”, no qual comenta as lutas que estavam ocorrendo na África, entre a tradição e progresso, entre o antigo e o moderno. Comenta, como exemplo, as construções de casas retangulares pelos africanos, tendo como referência às residências européias, enquanto que os europeus, para abrigar os autóctones, imitavam as casas circulares dos “ouloffs”, no Senegal. Concluiu com a esperança de que o progresso não seja destruidor da cultura africana. Em um segundo artigo, “Nossos irmãos africanos”, de março de 1962, Milton comentou a experiência de ser tomado por africano, na própria África, e nunca ser reconhecido como brasileiro, e afirmou ter encontrado, em toda a parte, grande simpatia pelo Brasil. Em um terceiro artigo, comentou a “Unidade africana”, no qual trata da instabilidade inicial dos estados africanos, com a

⁶ Agradeço a colega Maria Auxiliadora da Silva, pelo empréstimo dos recortes de jornais dos anos de 1958 e 1962.

prisão de opositores (Senegal e Costa do Marfim), da presença de soldados na rua (Togo), e as disputas entre estados: Mauritânia e Marrocos, Gana e Togo, Senegal e Mali. Por outro lado, o maior traço de união, segundo o autor, seria a música, assim como a luta contra o colonialismo, como no caso de Angola.

Em maio de 1963, foi nomeado Presidente da Fundação do Planejamento Econômico da Bahia-CPE, pelo governador Lomanto Junior, cargo com *status* de Secretário de Estado. Neste mesmo ano, acumulou as funções de presidente da Associação de Geógrafos Brasileiros, para o período 1963-1964, após o mandato de Manuel Correia de Andrade, o que mostra sua plena aceitação entre os geógrafos brasileiros.⁷

Com o golpe militar de 1964, ficou seis meses na prisão, adoeceu, foi hospitalizado, e em seguida ficou em prisão domiciliar, quando foi nomeado para ensinar na Université de Toulouse, a convite de Bernard Kayser, tendo conseguido permissão para sair do país em dezembro de 1964.

O exílio e os estudos sobre o terceiro mundo

O exílio será de fundamental importância para Milton Santos, apesar da experiência dolorosa da ausência forçada do país, pois segundo suas palavras, “o fato de haver perdido a empiricidade do meu país é que me levou a essa preocupação teórica”.⁸ Por outro lado, a sua estada no exterior foi excepcionalmente rica, tendo vivido experiências acadêmicas, em contextos bastantes diversificados, tanto em países centrais, da Europa (França) e da América do Norte (Canadá e Estados Unidos), como em países periféricos, da América do Sul (Venezuela e Peru) e da África (Tanzânia), o que o levou a conviver com colegas de vários países, além dos conhecidos em consequência de sua intensa participação em congressos internacionais, e que lhe enriqueceu também o seu domínio de várias línguas (francês, inglês e espanhol). Sua permanência no exterior também permitiu aprofundar seus estudos. Numa entrevista,

⁷ Manuel Correia de Andrade, “Milton Santos, o geógrafo-cidadão”, in Maria Adélia de Souza (org.), *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo* (São Paulo, Hucitec, 1996), p. 94.

⁸ Eduardo Yáziqi, “Milton Santos e a criatividade”, in Maria Adélia de Souza (org.), *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo* (São Paulo, Hucitec, 1996), p. 425.

revelou os autores estrangeiros que mais lhe influenciaram: na Geografia, J. Tricart e P. George; na Filosofia, J.-P. Sartre e Whitehead; na Sociologia, Durkheim e Gurvitch, além de K. Marx.⁹

Dos finais de 1964, até 1967 passou a ensinar, como *Maître de Conference*, na Universidade de Toulouse. Dois cursos efetuados nessa Universidade foram publicados posteriormente. Milton também iniciou o estudo da produção dos colegas franceses, assim como da literatura anglo-americana sobre a economia espacial, na biblioteca do Instituto de Geografia, e teria sido neste período que ele começou a desenvolver sua teoria sobre os “dois circuitos”.¹⁰

Em 1965, foi publicado o livro *A cidade nos países subdesenvolvidos* (escrito antes do exílio), em que o autor deixa de preocupar-se apenas com a realidade brasileira, e já mostra um interesse por uma visão mais ampla dos problemas, assim como pelas especificidades dos países subdesenvolvidos. O livro é dividido em seis partes. A segunda é sobre as cidades da América Latina; a terceira é sobre Brasília; na quarta são comentadas as cidades africanas de Abidjan, Acra, Lomé, Cotonou, Dakar e Bamako, a partir das suas notas de viagem. O quinto capítulo é sobre a África do Norte, tratando das cidades de Tunís e Kairouan, também a partir de suas visitas pessoais. Na última parte, sobre a teoria dos pólos de desenvolvimento, o autor comenta também a aplicação do método de Rochefort.

Com o término do seu período de três anos em Toulouse, Milton Santos se transferiu para a Universidade de Bordeaux, em 1967, ficando nessa instituição por um período de um ano. Nessa universidade, teve um acolhimento intelectual mais reticente, em virtude da vocação colonial da Geografia local, tendo sido, inclusive, censurado pelo Decano Louis Papy.¹¹ É desse período a redação do livro sobre o papel do geógrafo, que será publicado em 1971. Nesse ano foi publicado, pelo Centre de Documentation Universitaire - CDU, de Paris, o seu volumoso curso *Croissance démographique et consommation alimentaire dans*

⁹ Yáziqi, “Milton Santos e a criatividade”, p. 412.

¹⁰ Bernard Kayser, “As raízes tolosanas de Milton Santos”, in Maria Adélia de Souza (org.), *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo* (São Paulo, Hucitec, 1996), p. 99.

¹¹ Yáziqi, “Milton Santos e a criatividade”, p. 414.

les pays sous-développés, em duas partes, totalizando 661 páginas, no qual ele deu continuidade ao estudo do Terceiro Mundo.

Em 1967, foi nomeado Professor do Institut d'Etudes du Développement Economique et Social, da Universidade de Paris (IEDES), instituto dirigido por F. Perroux, tendo sido Diretor da Opção Organização do Território e Planificação Regional e do Grupo de Pesquisa Organização do Território, no período 1968 a 1971. Foi também promovido a Professor de Geografia na Universidade de Paris (Sorbonne), também no mesmo período.

Em 1968, foi convidado para o cargo de Diretor de um Programa das Nações Unidas, com o objetivo de estudar a urbanização na Venezuela, mas não concordou com o tipo de trabalho a ser realizado e retornou à França. No ano seguinte, foi publicado o curso *Aspects de la géographie et de l'économie urbaine des pays sous-développés*, em dois fascículos, com 192 páginas, pelo CDU, agora com um enfoque mais urbano. Esse trabalho, após atualização, foi publicado em português, em 1981.

Em 1970, foi publicado o livro *Dix essais sur les villes des pays sous-développés*, agora pela Editora Ophrys, seguido, em 1971, na mesma editora, pelo original *Le métier du géographe en pays sous-développés*, que foi traduzido em português apenas em 1978. Milton insiste, já no início do livro, na especificidade do espaço nos países subdesenvolvidos, que seria distinto dos desenvolvidos. O livro é composto de três partes: na primeira, discute a diferença de método; na segunda, a diferença de comunicação; e na terceira, trata dos princípios gerais da Geografia Urbana nos países subdesenvolvidos. Já são mencionados os conceitos de fluxos e de rugosidades (pp. 62 e 63)

Em 1971 e 1972, Milton Santos, editou dois números especiais da respeitável *Revue Tiers Monde*, publicada pela editora Presses Universitaires de France. O número 45, teve como título *La ville et l'organisation de l'espace dans les pays sous-développés* e traz um artigo conjunto com B. Kayser, "Espaces et villes du Tiers Monde", onde é discutido o conceito de modernização. O número 50, trata das *Moderisations et espaces dérivés*¹², com o artigo "Dimension temporelle et

¹² Essa noção teria sido originária de "paisagens derivadas", de M. Sorre (Yázigi, "Milton Santos e a criatividade"), p. 414.

systemes spatiaux dans les pays du Tiers Monde”. Isto mostra a importância que tinha alcançado na França, embora ainda fossem trabalhos específicos sobre as questões do subdesenvolvimento.

Ainda em 1971 foi editado o importante livro *Les villes du Tiers Monde*, proposto por Paul Claval à editora para integrar a coleção *Géographie Economique et Sociale*, no qual o autor consolida seus estudos sobre a questão urbana, considerando as especificidades do Terceiro Mundo.¹³ O livro, com 428 páginas, é dividido em cinco partes e conta com 16 capítulos. Podem ser destacados os conceitos utilizados de circuito moderno e circuito tradicional (p.151), de paisagem urbana (p.199), de cidade incompleta, que seria consagrada à função específica dominante (p. 226), e de fluidez do espaço, cuja ausência, nos países sub-desenvolvidos, levaria ao desenvolvimento da macrocefalia urbana, ou seja a grande dimensão da cidade principal (p.314). No último capítulo, o autor desenvolveu a questão dos dois circuitos: o superior ou moderno, e o inferior ou tradicional (p.396). É interessante observar a passagem dos conceitos de “países subdesenvolvidos” para “Terceiro Mundo”.

Em 1971, terminando sua estadia de sete anos na França, dos quais passou dois anos aprofundando seus estudos em Economia e mais dois anos estudando a Sociologia, Milton Santos seguiu para os Estados Unidos, a convite de Lloyd Rodwin, para trabalhar no prestigioso Massachusetts Institute of Technology - MIT, na condição de *Research Fellow*, durante o período de 1971 a 1972. Nesse centro de pesquisa, continuou a trabalhar na preparação do seu livro sobre o espaço dividido.

No período de 1972 a 1973, Milton Santos se transferiu para o Canadá, como *Full Visiting Professor* do Departamento de Geografia da Universidade de Toronto, onde continuou a avançar na redação do livro sobre o espaço dividido. Uma conferência “Brazil: Underdeveloped Industrialized Country”, foi publicada, como parte das *The Latin American in Residence Lectures* (traduzida e publicada no livro *Espaço e Sociedade*, 1979), ampliando sua produção em língua inglesa, já iniciada com um trabalho nos anais de congresso em Washington, em 1970. Em 1973,

¹³ Paul Claval, “As Cidades do Terceiro Mundo de Milton Santos”, in Maria Adélia de Souza (org.), *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo* (São Paulo, Hucitec, 1996), p. 103.

Milton Santos teve seu artigo “La urbanización dependiente en Venezuela”, originalmente publicado na revista *Espaces et Sociétés*, em 1971, escolhido para fazer parte do livro editado por Manuel Castells, *Imperialismo y Urbanización en America Latina*. Nesse ano, foi realizada uma primeira tradução, do francês para o castelhano, do seu livro *Geografía y economía urbanas en los países subdesarrollados* (publicado originalmente em 1969), que teve “un eco muy importante entre los estudiosos del desarrollo” na Espanha.¹⁴

Após o Canadá, ainda em 1973, viajou para a Venezuela, e de lá foi contratado, como Professor, na Universidad Nacional de Ingeniería, de Lima, Peru, ficando nessa instituição por um período de três meses. Em seguida, foi convidado por Ruth Glass, como professor, no Center of Urban Studies, do University College, em Londres, mas ficou apenas nove dias, devido as dificuldades de encontrar alojamento, tendo em vista o racismo vigente entre os ingleses. Em 1974, foi convidado novamente para ensinar na Faculdade de Economia da Universidade Central da Venezuela, com Maza Zavala, tendo atuado também como Professor da Facultad de Ciencias Económicas y Sociales da mesma Universidade, no mesmo período.

Colegas ingleses e australianos o indicaram, para instalar a pós-graduação em Geografia na Universidade Dar es Salaam, na Tanzânia, onde ele ficou no período de 1974 a 1976, quando trabalhou com David Slater. Aproveitou sua estadia na Tanzânia para estudar Filosofia e Física. Nesse período foi nomeado membro do Comitê Diretor do Programa de Emprego e de Urbanização da Organização Internacional do Trabalho - OIT, recebendo financiamento para os estudos dos dois circuitos da economia. Também recebeu seu primeiro convite para vir ao Brasil, por Manoel Berlink, da OIT, tendo realizado seminários na Unicamp, em Campinas, e ainda esteve na USP, a convite da Associação de Geógrafos Brasileiros.

Em 1975, foi publicado na França um dos seus livros mais importantes, *L'espace partagé*, resultado de mais de oito anos de preparação,

¹⁴ J. Bosque Maurel, J. E. Estebanez A. & Aurora Garcia B., “La obra científica de Milton Santos en la geografía española”, in Maria Adélia de Souza (org.), *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo* (São Paulo, Hucitec, 1996), p. 427.

já tendo publicado, anteriormente, artigos em espanhol (1972) e em inglês (1973) sobre esta temática. O livro foi depois traduzido para o português e o inglês. Ele é dividido em quatro partes. Milton informa, inicialmente, que busca uma teoria do espaço e da urbanização para o Terceiro Mundo (p.9). A primeira parte introduz a questão dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. O circuito inferior, para o autor, seria constituído por “formas de fabricação de não ‘capital-intensivo’, pelos serviços não-modernos fornecidos ‘a varejo’ e pelo comércio não-moderno e de pequena dimensão” (p.31). A segunda parte é sobre o circuito superior; a terceira, a mais interessante, trata especificamente, do circuito inferior. A última parte é mais complexa, pois é sobre o espaço dividido, sendo discutidos dois tipos de industrialização e dois subsistemas urbanos. Milton Santos se opunha ao conceito de setor informal, que contou com o apoio das agências internacionais, como a OIT, mas que tratava parcialmente o problema.

Ainda em 1975, tentou, por procuração, inscrever-se no concurso para Professor Titular na Universidade Federal da Bahia, tendo escrito uma tese, intitulada “Industrialização, metropolização e organização do espaço”, mas sua iniciativa foi bloqueada, por argumentos burocráticos, em pleno regime militar. Temos aqui, mais um obstáculo na sua carreira, agora de ordem política.

Após a Tanzânia, foi mais uma vez para a Venezuela, em 1976, como Professor Convidado da Facultad de Humanidades y Educación, da Universidade Central da Venezuela, em Caracas, e da Facultad de Arquitectura y Urbanismo, da Universidad del Zulia, em Maracaibo. No mesmo ano, esteve outra vez no Brasil, a convite de Maria Brandão, para participar de reunião da SBPC na Bahia, momento em que contactou Armen Mamigonian, que tentava trazê-lo para o Brasil.

Em seguida, no período de 1976 a 1977, esteve na Universidade de Columbia, em Nova York, como Professor de Geografia e Planejamento Urbano, seu último posto no estrangeiro, e chegou a receber um convite para criar um Departamento de Geografia na Nigéria, convite que recusou para voltar ao Brasil. No ano 1977, Milton editou dois números da importante revista *Antipode*, o primeiro, *Underdevelopment in the Third World: I, Socio-Economic Formation and Space*, de fevereiro

de 1977, e o segundo com o mesmo título, e com os sub-títulos *II, Mode of Production and Third World Urbanization*, e *III, Geography and Planning*, em dezembro de 1977, tendo contado com a colaboração de R. Peet.¹⁵ O primeiro texto, é considerado por Mamigonian, como “o mais importante texto teórico de Milton Santos”.¹⁶ De fato, trata-se da incorporação na Geografia, da categoria marxista de Formação Social, que será desdobrada posteriormente em Formação Sócio-Espacial.

O retorno ao Brasil, o reconhecimento internacional e os estudos teóricos e em escala global

Milton Santos veio para o Brasil, em 1977, a convite de Maria Adélia de Souza, para trabalhar como Consultor da Secretaria do Planejamento do Estado de São Paulo e na Emplasa, empresa de planejamento metropolitano, e por que queria que o filho (Rafael) nascesse na Bahia.¹⁷ Entre 1978 e 1982, deu cursos de dois a três meses de duração, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, como Professor Convidado.

Em 1978 participou da famosa reunião da AGB em Fortaleza, espécie de “divisor de águas”, mudando os rumos da Geografia brasileira, com a entrada da corrente da “Geografia Crítica”, colocando em cheque o paradigma dominante, neopositivista. Nesse ano foram lançados quatro livros em português, três deles pela editora Hucitec, de São Paulo. O primeiro, um dos seus mais importantes, *Por uma Geografia Nova*, cujo subtítulo é revelador — *Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica* — foi, posteriormente, traduzido para francês e espanhol. Deveria ser o primeiro volume de um série de cinco livros, e tornou-se um marco na Geografia brasileira, revolucionando a disciplina estabelecida. O livro é composto por três partes, e conta com 18 capítulos. Na primeira parte, “Crítica da Geografia”, Milton faz uma revisão

¹⁵ R. Peet, “Milton Santos no exílio: os anos setenta”, in Maria Adélia de Souza (org.), *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo* (São Paulo, Hucitec, 1996), pp. 164-168.

¹⁶ Armen Mamigonian. “A geografia e a ‘Formação social como teoria e como método’”, in Maria Adélia de Souza (org.), *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo* (São Paulo, Hucitec, 1996), p.198.

¹⁷ Santos, *Território e Sociedade*, p.107.

crítica da Geografia Clássica, da *New Geography* e da Geografia da Percepção, concluindo com um texto sobre a Geografia como “viúva do espaço”, metáfora para indicar o abandono do espaço pelos geógrafos dessas correntes. Na segunda parte, “Geografia, Sociedade, Espaço”, ele afirma que o objeto da Geografia é o espaço social (p.115), define o conceito de espaço como “um conjunto de formas, ... por uma estrutura representada por relações sociais ... que se manifestam através de processos e funções” (p.122). Na terceira parte, “Por uma Geografia Crítica”, menciona as noções de universalização perversa (p.170) (que antecipa a de globalização); a de totalidade; a de formação social, que possibilitaria o estudo de uma sociedade precisa (p.198); a do espaço visto como acumulação desigual dos tempos (p.209) e a de tempo.

O segundo, foi a tradução em português do seu livro editado em 1971, com o título de *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo*. O terceiro, foi o livro *Pobreza Urbana*, com uma rica bibliografia, lançado em concorrido seminário realizado em Recife, com o mesmo nome. O livro é dividido em duas partes. Na primeira, o autor trata da questão da pobreza de forma crítica, em cinco capítulos. O primeiro é sobre a dificuldades de definir a pobreza; no segundo critica as explicações parciais da pobreza urbana, através da explosão demográfica e êxodo rural, da falta de capital doméstico, da “cultura da pobreza” e o debate entre crescimento e desenvolvimento. O terceiro capítulo é sobre as questões da marginalidade e da bipolarização, quando trata dos dois circuitos da economia urbana. No quarto capítulo é efetuada a comparação entre o circuito inferior e o “setor informal”. O último capítulo trata das relações entre as teorias do desenvolvimento e a pobreza, concluindo com as questões do consumismo e do igualitarismo. A segunda parte é composta por uma bibliografia internacional, elaborada com a colaboração de Maria Alice Abdala, contando com o detalhado levantamento de 883 títulos, em 42 páginas. Finalmente, o quarto livro, foi a tradução, para o português de um título de 1975, *O espaço dividido*, pela Editora Francisco Alves, do Rio de Janeiro, com 345 páginas. O impacto dessas publicações na Geografia brasileira foi enorme.

No ano seguinte, foi convidado por Maria do Carmo Galvão e por Berta Becker para trabalhar no Departamento de Geografia da Universi-

dade Federal do Rio de Janeiro, como Professor Titular Visitante, tendo ficado no Rio durante o período de 1979 a 1983, onde não teria encontrado “condições para desabrochar”.¹⁸

Em 1979 foram lançados três livros. *Economia espacial: críticas e alternativas* reúne as traduções de vários estudos realizados no período 1970 a 1977. No último capítulo, denominado “A totalidade do Diabo: como as formas geográficas difundem o capital e mudam as estruturas geográficas”, o autor trata da renovação de um centro comercial em Dar es Salaam, na Tanzânia, e já discute as noções de estrutura, função, forma e processo (p.163). O segundo livro é *Espaço e Sociedade*, desta vez editado pela Vozes, de Petrópolis, com 10 capítulos, dos quais se destacam o primeiro, que é a tradução do importante artigo sobre a formação social, publicado na revista *Antipode*, Vol.1, No 9, e o quinto, “A discussão do trabalho social como uma nova pista para o estudo da organização espacial e da urbanização nos países subdesenvolvidos”, que corresponde ao texto apresentado no Encontro da AGB, em 1978. O terceiro foi a tradução inglesa do seu livro de 1975, *The Shared Space: the Two Circuits of the Urban Economy and its Spatial Repercussions*. Ainda em 1979, publicou o texto “Do espaço sem nação ao espaço transnacionalizado”, no livro editado por H. Rattner, em que teria elaborado a primeira formulação sobre o Brasil, a partir do comando exercido por São Paulo, sobre todo o território nacional.¹⁹

Em 1980, Milton Santos recebeu sua primeira honraria e reconhecimento internacional, através do título de Doutor *Honoris Causa*, da Universidade de Toulouse, a primeira que o recebeu, no início do exílio. No mesmo ano, publicou o livro *A urbanização desigual*, também pela Vozes, que corresponde à tradução da quarta parte do livro *Les villes du Tiers Monde*, de 1971. No ano seguinte, em 1981, foi publicada a tradução em português do seu curso de 1969, após atualização, com o título de *Manual de geografia urbana*, pela Hucitec, e em 1982, foram publicados dois livros. O primeiro, *Pensando o espaço do homem*, é composto por três capítulos, com textos de 1977 a 1980, quando já trata das noções de “período técnico-científico” (p.11), e das categorias forma,

¹⁸ Idem.

¹⁹ Santos, *Território e Sociedade*, p. 117.

estrutura e função, momento em que cita o filósofo Henri Lefèbvre (1984). No segundo, *Ensaio sobre a urbanização latino-americana*, composto por 10 capítulos, ele trata da noção de “metrópole incompleta”, ou seja, metrópoles que contariam com a maioria dos serviços essenciais, mas estariam ausentes as indústrias de base e certos serviços (p.37). Um capítulo é sobre a cidade de Medellín (Colômbia), outro sobre Guadalajara (México). Um capítulo específico trata das cidades venezuelanas, outro sobre Lima e o último sobre Coro e Punto Fijo, também na Venezuela. Nesse ano ainda foi organizado, por Milton Santos, um livro que teve muita repercussão, *Novos rumos da geografia brasileira*, formado por 12 capítulos, com textos de vários autores da corrente crítica da Geografia, sendo dois do organizador. No capítulo sétimo, “Alguns problemas atuais da contribuição marxista à Geografia”, ele trata da necessidade do trabalho empírico, da incorporação da teorização, de ser contra o dogmatismo, e contra o congelamento dos conceitos, e conclui destacando “real-total” como uma categoria essencial, ou seja, se deveria partir do real para entender a totalidade, e por outro lado, só a totalidade permitiria a correta noção da realidade. O capítulo 12 tem o mesmo título do livro, e traz a forte proposta de “construir um pensamento geográfico que, nascido no Brasil, seja universal” (p.217). Todos os livros foram publicados pela mesma editora. Outro livro importante, desse ano, foi o editado por Ruy Moreira, com o título de *Geografia: teoria e crítica. O saber posto em questão*, cujo primeiro capítulo foi escrito por Milton Santos, “Geografia, Marxismo e Subdesenvolvimento”, tradução do texto publicado na revista *Antipode*, Vol. VI, No 3, de 1974, no qual ele considera adequado o método dialético (p.18), e também ataca a “revolução quantitativa” ocorrida na Geografia, considerada como um “dogmatismo científico”.

A partir de 1983, Milton Santos, agora no auge de sua carreira, estabelece-se no Departamento de Geografia da USP, como Professor Titular .

Em 1985, Milton lançou, pela editora Nobel, na Coleção Espaços, um livro eminentemente metodológico, *Espaço e método*, com nove pequenos capítulos. Inicialmente o espaço é considerado como um sistema de sistemas (p.14). A noção de “meio técnico-científico” é discutida, e as de “estrutura, processo, forma e função” são definidas como catego-

rias do método geográfico (p.49). Este livro, foi posteriormente traduzido para o francês e o castelhano. Nesse ano foi publicada na França a tradução do seu livro de 1978, *Pour une géographie nouvelle*, pelas Editions Publisud, de Paris.

Em 1986, Milton Santos editou, na mesma coleção da Nobel, em conjunto com Maria Adélia de Souza, mais dois livros coletivos, o primeiro, *A construção do espaço*, com nove capítulos, sendo o oitavo de autoria de Milton, sobre os “Circuitos espaciais da produção: um comentário”, no qual o autor faz a análise de um modelo regional, aplicado na Venezuela. O segundo, *O espaço interdisciplinar*, formado por oito capítulos, foi escrito por autores de diversas disciplinas com interesse no espaço (Geografia, Arquitetura, Sociologia e Economia). Também em 1986, foi traduzida para o espanhol parte do livro do ano anterior, *Espacio y método*, publicado na revista *Geocrítica*, da Universidade de Barcelona.

Em 1987, Milton Santos recebeu o título de *Doutor Honoris Causa*, da Universidade Federal da Bahia, um primeiro reconhecimento nacional, uma espécie de retratação da recusa de sua participação no concurso de 1975. Nesse ano, ele publicou, ainda na coleção da Nobel, o livro *O espaço do cidadão*, com 14 capítulos, tratando da questão da cidadania pelo ângulo da Geografia (p.2). Encontramos a noção de espaço como um conjunto de fixos e fluxos (p.113), de território (visto como conjunto de lugares) (p.121). Destacam-se o capítulo quatro, “O Espaço sem cidadãos” e o capítulo 13, “Espaço e cidadania”.

Em 1988 foi nomeado *Directeur d'Etudes*, da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, na França. É também desse ano a publicação do livro *Metamorfozes do espaço habitado*, concebido como uma continuação de *Por uma geografia nova* (p.9). O livro é composto por 10 capítulos e o autor passa a tratar, sobretudo, de questões na escala mundial, apresentando as noções de mundialização perversa (p.17), de globalização (p.31), de paisagem como domínio do visível (p.61) e de configuração territorial (p.75). Foi destacado por um geógrafo espanhol o trecho de Milton segundo o qual “la crítica tenia que ser analítica y no sólo discussiva”.²⁰ Esse livro foi traduzido para o castelhano em 1996.

²⁰ M. Panadero Moya, “Presencia de Milton Santos en La Mancha”, in Maria Adélia de Souza (org.), *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo* (São Paulo, Hucitec, 1996), p. 449.

Em 1989, Milton Santos foi o homenageado do 1º Simpósio Nacional de Geografia Urbana, tendo realizado a conferência de abertura, “Tendências da urbanização brasileira no fim do século XX”, na qual anteciparia os estudos que estava realizando e que seriam publicados no livro de 1993. Neste texto, publicado em 1994 e editado por Ana Fani A. Carlos, ele avança a noção de “flexibilidade tropical”, ou seja, flexibilidade em conseguir trabalho, em contraponto à flexibilidade oriunda do progresso tecnológico (p. 26). Nesse mesmo ano, foi publicada sua primeira entrevista importante, na revista *Geosul*, da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi nomeado membro da Comissão Especial da Assembleia Constituinte do Estado da Bahia e membro da Comissão de Alto Nível do Ministério da Educação para o estudo da situação do ensino do país (1989-1990).

Em 1990, foi publicado o livro *Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo*, no qual começa a discutir a metrópole paulista. Com cinco capítulos, o primeiro é sobre o tamanho da cidade, a especulação e os vazios urbanos; o segundo é sobre a ocupação periférica e a reprodução do centro; o terceiro trata da interessante idéia da imobilidade relativa dos pobres (p.90) e da fragmentação da metrópole, com destaque à questão dos transportes; o quarto é sobre a crise fiscal e a metrópole corporativa; e o último trata das tendências e do futuro, quando comenta que, se os gastos públicos fossem mais socialmente orientados, e os salários não fossem tão baixos, parte dos problemas teria solução. (p.111). No mesmo ano, saiu a tradução espanhola do seu livro de 1978, *Por una geografía nueva*, pela editora Espasa-Calpe, de Madrid, e a versão francesa do livro de 1985, *Espace et méthode*, pela editora Publisud, de Paris.

Em 1991 passou a assumir importantes papéis políticos, como o de membro da Comissão Justiça e Paz, da Arquidiocese de São Paulo. Foi eleito Presidente da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR, para o período 1991-1993, um reconhecimento que extrapola a área da Geografia. Em 1992 recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Buenos Aires. Nesse ano organizou e presidiu o Encontro Internacional “O Novo Mapa do Mundo”, na Universidade de São Paulo, que contou

com a presença de geógrafos de todos os continentes, e resultou na publicação de quatro livros, com um total de 112 trabalhos publicados.

Após o término do mandato na ANPUR, Milton foi eleito Presidente da nova Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia - ANPEGE, para o período 1993-1995. Em 1993 recebeu o Prêmio USP 1993, pela orientação da melhor tese na área das Ciências Humanas, uma vitória para a disciplina, e publicou o livro *A urbanização brasileira*, pela editora Hucitec. Neste livro, uma obra de síntese com 13 capítulos, o autor examina a questão da urbanização através do uso de estatísticas comparativas. Destaca-se o uso dos conceitos “Meio técnico-científico-informacional” (p.35), do par “tecnosfera e psicofera”, resultantes do meio técnico-científico (p.47), e o de “involução metropolitana” (p.55), referência ao desenvolvimento mais rápido das cidades médias em relação às grandes metrópoles. Nesse mesmo ano, Milton Santos começou a editar os livros resultantes dos encontros internacionais, difundindo uma importante produção sobre a nova temática da globalização: edita com Maria Adélia de Souza, Francisco Scarlato e Mónica Arroyo, quatro livros, sendo três em 1993. O livro *Fim de século e globalização* é composto por 26 capítulos, e tem como capítulo inicial o de Milton Santos sobre “A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo”, que corresponde à Conferência de abertura do encontro. O segundo, *Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica*, conta com 25 capítulos, reunidos em torno da temática, e o terceiro, *Globalização e espaço latino-americano*, é também composto por 25 capítulos, com textos voltados ao contexto latino-americano. O quarto livro, editado apenas em 1995, *Problemas geográficos de um mundo novo*, reúne mais 36 capítulos resultantes dos demais textos apresentados no seminário internacional. Todos os livros foram editados pela Hucitec em conjunto com a ANPUR.

No ano de 1994, ele recebeu a maior honraria da disciplina, o Prêmio Internacional de Geografia Vaudrin Lud, no Festival Internacional de la Géographie, em St-Dié des Vosges, França, sendo o primeiro geógrafo laureado oriundo de um país não-central, assim como o título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Complutense de Madri e a Medalha de Mérito da Universidade de Havana, Cuba. Foi também entrevistado nas páginas amarelas da revista *Veja* de 16/11/1994, e reali-

zou a conferência de abertura, “O lugar encontrando o futuro”, do Encontro Internacional Lugar, Formação Socioespacial, Mundo, organizado pela ANPEGE, em São Paulo.

Publicou, no mesmo ano, o livro *Por uma economia política da cidade*, pela Hucitec, junto com a editora PUC-SP, como uma continuidade do livro de 1990, sobre a metrópole paulista. O livro é composto por cinco capítulos, sendo o primeiro sobre a primazia de São Paulo metrópole; o segundo, sobre São Paulo como metrópole internacional do Terceiro Mundo, no qual comenta a mundialização dos lugares (p.17). O terceiro é sobre a questão da região que cresce mais que a metrópole, no caso, o interior paulista; o quarto, sobre a involução metropolitana (tema tratado no livro de 1990) e a economia segmentada e o quinto tem o mesmo título do livro.

Ainda em 1994, publicou *Técnica, espaço, tempo*, pela mesma editora, dividido em cinco partes, com 15 capítulos, com destaque para a discussão dos pares “globalização e fragmentação” (p.35) e “sistemas de objetos e sistemas de ações” (p.90), assim como a interessante noção de “tempo lento”, que seria o tempo dos socialmente mais fracos (p.81). O livro é concluído com dois capítulos resultantes de duas entrevistas, uma realizada em 1991, para uma aluna universitária, e a segunda, de 1993, para a revista *Margem*, da PUC-SP. Nessa última entrevista, o autor criticou a utilização fixa dos conceitos marxistas (p.172), e se incluiu, ironicamente, como “nós ocidentais e brancos ...” (p.179), quando comentou o papel do Estado e conclui com a possibilidade de trabalhar com a noção de cotidiano (p.184). Editou também, juntamente com Maria Adélia de Souza e Maria Laura Silveira, o livro *Território, globalização e fragmentação*, resultado de seminário internacional realizado em 1993, composto por 23 capítulos, sendo o capítulo inicial de sua autoria, com o título “O retorno do território”, que corresponde à Conferência de abertura, no qual introduz a noção de “território usado” como sinônimo de espaço habitado, juntamente com o par “horizontalidade e verticalidade”, discriminando os territórios como lugares contíguos e lugares em redes (p.16). O lugar é visto “como a sede de resistência da sociedade” (p.19).

Em 1995 recebeu a Ordem Nacional do Mérito Científico, no grau de Comendador; a Medalha da Câmara Municipal de São Paulo, assim

como o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e da Universidade Federal de Sergipe. Nesse ano foi reintegrado na Universidade Federal da Bahia, e ampliou sua colaboração com o Mestrado em Geografia.

Em 1996, Milton Santos publicou o seu livro mais importante, *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*, coroando seu pensamento teórico, resultante de um longo processo de estudos e reflexão. Este livro recebeu o Prêmio Jabuti de 1997, como o melhor livro das Ciências Humanas. Tendo em vista a sua riqueza conceitual, merece um comentário mais detalhado.

O livro, com 308 páginas, é composto por quatro partes. No prefácio o autor informa que a redação teria sido iniciada em 1994, a partir de bolsas FAPESP e do CNPq, que lhe permitiram realizar pesquisas nos Estados Unidos e na França (p.11). Porém, a pesquisa teria atravessado quase um quarto de século (p.15). Logo na introdução, a noção de espaço é reafirmada como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações (p.18). O espaço teria as seguintes categorias internas: paisagem, configuração territorial, divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo. Por outro lado, os recortes espaciais seriam a região, o lugar, as redes e as escalas (p.19). A primeira parte, “Uma Ontologia do Espaço: Noções Fundadoras”, é composta por três capítulos. No capítulo primeiro, “As técnicas, o tempo e o espaço geográfico” são tratadas as questões da natureza e do papel das técnicas. No segundo, o espaço é analisado como sistemas de objetos e sistemas de ações, que substituem o antigo par formado por fixos e fluxos (p.50). No terceiro capítulo, “O espaço geográfico é um híbrido”, é discutida a intencionalidade e a inseparabilidade entre a ação e o objeto, e a diferenciação entre espaço e paisagem, na medida em que o espaço, além das formas, inclui a vida que as anima (p.83). A segunda parte, “Produção das Formas-Conteúdo”, é composta por três capítulos. O quarto capítulo trata da noção de totalidade, ou seja, a realidade em sua integridade (p.94). O quinto trata da diversificação da Natureza, ou Mundo natural, comparada com a divisão territorial do trabalho, que é considerada como o motor do movimento da sociedade. No sexto capítulo o tempo, empiricizado, concreto,

é analisado a partir dos eventos. Na terceira parte, “Por uma Geografia do Presente”, o autor começa pela análise do sistema técnico atual, no capítulo sétimo; segue uma discussão da produção da inteligência planetária, na qual inclui a globalização financeira, no capítulo oitavo. O exame dos objetos, das ações e das normas no momento atual, é realizado no capítulo nono, e a passagem do meio natural ao meio geográfico, como meio técnico-científico, no capítulo 10, no qual são discutidas desde a crise ambiental à tecnosfera e a psicosfera. A geografia das redes, resultado das técnicas atuais, é analisada a seguir, sendo comentados os tempos rápidos e lentos, o global e o local, no capítulo 11, seguido das horizontalidades, ou seja, os espaços de contigüidade, e as verticalidades, vistas como espaços de fluxos, no capítulo 12, e conclui com os espaços de racionalidade hegemônica, no capítulo 13. A última parte, “A Força do lugar”, é composta por dois capítulos. O 14 trata das relações entre o lugar do cotidiano, e o último capítulo, o 15, é sobre a ordem universal e a ordem local. O autor conclui que a ordem global seria “desterritorializada”, na medida que separa a ação, enquanto que a ordem local se “reterritorializa” na medida em que é o espaço banal (p.272), ou seja “cada local sendo objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (p.273). O livro é concluído com uma respeitável bibliografia de 570 títulos. Este livro foi recentemente traduzido para o francês e o espanhol.

Nos últimos anos, as homenagens a Milton Santos se multiplicaram: em 1996 ele recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Barcelona, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Universidade Estadual do Ceará, da Universidade de Passo Fundo e da Universidade Federal de Santa Catarina. Para comemorar os seus 70 anos, foi organizado, por Maria Adélia de Souza, o livro *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo*, lançado no encontro internacional com o mesmo título, com 519 páginas, que contou com 65 capítulos redigidos em sua homenagem, por geógrafos e colegas de outras disciplinas, nacionais e estrangeiros, como O. Ianni, D. Slater, N. Smith, R. Peet, E. Soja, J. Bosque-Maurel, J. Gaspar, G. Benko, P. Claval, entre outros nomes da Geografia e das Ciências Sociais, em geral. Enviaram textos, W. Armstrong, T. McGee, S. Sassen, P. George, B. Kayser, M.

Rocheffort, J. Tricart, cada um dando seu depoimento sobre o autor ou sobre sua obra. Esse livro, junto com as entrevistas, foi a fonte mais utilizada para este trabalho.²¹

Outro livro, *Ensaio de Geografia Contemporânea*, foi editado, em 1996, por Ana Fani A. Carlos, reunindo trabalhos de estudantes de pós-graduação da USP, em homenagem a Milton Santos. É dividido em quatro partes, a primeira, “Uma nova geografia se delineia”, com nove capítulos; a segunda, “Para uma epistemologia da cidade, com sete capítulos; a terceira, “Do espaço ao meio técnico-científico informacional”, com oito capítulos; e a quarta, “Um mundo globalizado, com oito capítulos. Alguns trabalhos analisam as obras de Milton Santos, outros tratam de desenvolver noções, categorias e conceitos elaborados pelo autor, como as de espaço banal (Mónica Arroyo), razão global e razão local (Maria Laura Silveira), estrutura, processo, função e forma (Saint-Clair C. Trindade Jr.), formação socioespacial (Cilene Gomes), meio técnico-científico informacional (R. Nogueira e N. Lima), totalidade (A. J. A. Ferreira) e tecnosfera e psicosfera (Lídia Antongiovanni).

Ainda em 1996, foram lançados os livros *De la totalidad al lugar* e *Metamorfosis del espacio habitado*, cujo original é de 1988, ambos pela editora Oikos-Tau, de Barcelona. No ano seguinte, Milton Santos recebeu os títulos de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina, e da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Recebeu também o Colar do Centenário, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; o Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo; o de Mérito Tecnológico, do Sindicato dos Engenheiros do Estado de São Paulo; e o título de Personalidade do Ano, do Instituto dos Arquitetos do Brasil, do Rio de Janeiro, o que mostra o seu reconhecimento fora da área da Geografia e mesmo do meio acadêmico. Ainda em 1997, organizou o I Encontro Internacional de Geógrafos na Bahia, em Salvador, no qual realizou a conferência de abertura.

Entre 1997 e 1998 estive na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, como *Visiting Professor*, sua última estadia prolongada no

²¹ Participaram da pesquisa para a montagem do livro, além de Maria Adélia: Milton Santos Filho, Maria Auxiliadora da Silva e George Benko (in Maria Adélia de Souza (org.), *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo* (São Paulo, Hucitec, 1996, p.14).

exterior desde o seu retorno ao Brasil. Em 31 de março de 1998, foi entrevistado pelo Programa Roda Viva, da TV Cultura, em cadeia nacional, entrevista que teve muita repercussão, pelas suas posições contrárias ao atual processo de globalização. Também, nesse ano, uma entrevista foi publicada na revista de circulação nacional, *Caros Amigos*.

No ano 2000, publicou, pela Editora Record, o livro *Por uma outra Globalização. Do pensamento único à consciência universal*. É um livro manifesto, composto por seis partes e 30 pequenos capítulos que se dirige ao público em geral. A ênfase central do livro é sobre o papel da ideologia na atual globalização (p.14). Na primeira parte, a globalização é tratada como uma fábula (fantasia), como uma perversidade e é indicada a possibilidade de uma outra globalização, levada a cabo pelos subalternos. Na segunda parte, o autor trata do processo de produção da globalização, a partir das condições da unicidade técnica atual, da unicidade do tempo e da mais valia universal, que funcionaria como motor único. Na terceira parte, é tratado o processo da globalização perversa, a partir da maneira como a informação é ofertada, do dinheiro como motor da vida econômica e social, da competitividade e do despotismo do consumo. Propõe a noção de “globalitarismo”, ou seja, a combinação de globalização com totalitarismo, e ainda comenta a política dos estados e das empresas, e as diferentes formas de pobreza, resultantes do processo. A quarta parte, é sobre o território do dinheiro e a fragmentação, no qual discute a compartimentação e a fragmentação do espaço, as verticalidades e as horizontalidades, e a esquizofrenia do espaço, através da presença das irracionalidades, mais numerosas que as racionalidades, sobretudo nas cidades (p.115). Na quinta parte, são propostos limites à globalização perversa, sobretudo no que se refere ao papel mais atuante dos pobres e na metamorfose das classes médias. Na última parte, “A transição em marcha”, Milton Santos é mais otimista e considera a globalização como reversível, apostando na utopia através de um novo mundo possível.

Nesse mesmo ano, foi publicada uma longa entrevista, em forma de livro, intitulado *Território e Sociedade*, pela Editora Fundação Perseu Abramo, também muito rica em informações. Na primeira parte, “O território da Geografia”, são discutidos temas como ecologia e natureza;

técnica, teoria e utopia; metadisciplina, cidade e campo; os pobres e a ruptura. Na segunda parte, “O território da vida”, a discussão é sobre o percurso percorrido pelo entrevistado. No ano 2000, ainda foi publicado *La nature de l'espace*, pela editora L'Harmattan, de Paris, tradução do livro de 1996.

Finalmente, sua última publicação, *O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI*, é um alentado balanço sobre a sociedade e o território brasileiros, escrito em conjunto com a geógrafa argentina María Laura Silveira, em que se buscou aplicar as categorias teóricas apresentadas no livro *Natureza do Espaço* ao território brasileiro.²² Visa oferecer ao leitor comum uma interpretação geográfica e aos estudiosos, um guia de trabalho (pp.11-12). O livro, com 473 páginas, consta de duas grandes partes, com 14 capítulos e oito estudos de caso, em anexo. A primeira parte, “O Território Brasileiro: um esforço de análise”, é composta por nove capítulos, totalizando 228 páginas. No capítulo I é discutido o uso do território, no qual o território é entendido como “extensão apropriada e usada” (p.19). No capítulo II os autores tratam da passagem do meio natural brasileiro para o meio técnico-científico-informacional. No capítulo III, com o título de “Construção do meio técnico-científico-informacional e a renovação da materialidade do território”, são comentadas as principais infra-estruturas implantadas no território brasileiro, assim como a questão da pesquisa e da tecnologia. O capítulo IV é dedicado à questão da informação e do conhecimento do espaço geográfico. No capítulo V é discutida a reorganização produtiva do território, através das questões da “descentralização” industrial, da guerra dos lugares e das especializações territoriais, concluindo com a abordagem da “região concentrada”, que corresponderia as atuais regiões Sul e Sudeste. O capítulo VI trata dos atuais círculos de cooperação, como conseqüência dos circuitos espaciais de produção, e examina o abastecimento, o comércio e a topologia (localização) de 11 grandes empresas que atuam no território nacional. O capítulo VII, “Por uma geografia do movimento”, trata dos fluxos aéreos, ferroviários, rodoviários e aquaviários. O capítulo VIII é sobre o atual sistema financeiro e

²² Santos, *Território e Sociedade*, p.116.

da “financeirização” da sociedade e do território. No capítulo IX são tratados a distribuição da população, o consumo e os níveis de vida. A segunda parte, “Um Esforço de Síntese”, conta com cinco capítulos, em 62 páginas. No capítulo X é discutida a categoria “território utilizado”, que inclui, além da natureza, a ação humana, e que revelaria as ações passadas e presentes (p.247). No capítulo XI, são examinados o passado e o presente do território brasileiro, ou seja, a história do território. O capítulo XII é sobre as diferenciações do território com as discussões de espaços de rapidez e de lentidão, de espaços luminosos e opacos, de espaços que mandam e que obedecem, concluindo com a proposta de uma nova divisão do território brasileiro em quatro regiões (Região Concentrada, Nordeste, Centro-Oeste e Amazônia) (p.268). O capítulo XIII é sobre a “Urbanização: cidades médias e grandes”, com a discussão dos atuais papéis das cidades médias e das metrópoles brasileiras. O capítulo XIV é intitulado “Uma ordem espacial: a economia política do território”, no qual são sintetizados os resultados dos estudos efetuados sobre o território brasileiro, com questões sobre as divisões do trabalho superpostas, de um espaço corporativo a partir da lógica das empresas e do uso competitivo do território.

Um destaque pode ser dado à utilização da cartografia (82 mapas), que permitem visualizar a espacialidade dos fenômenos examinados, e que confirmam a concentração espacial no Sudeste, e sobretudo em São Paulo. A bibliografia é muito rica e atualizada, composta sobretudo de trabalhos sobre o Brasil e conta com 202 títulos. Oito estudos de caso são anexados ao trabalho, elaborados por Marcos Xavier, Cilene Gomes, Fabio B. Contel, Soraia Ramos, Eliza Almeida, Lídia Antongiovanni, Adriana Bernardes e Maria Angela F. P. Lopes, que mostram os resultados da orientação efetuada por Milton Santos, na USP, indicando a convergência temática alcançada..

Conclusões

Para tentar concluir, um levantamento das suas principais noções, categorias e conceitos, criados ou revisados pelo autor, pode nos dar uma idéia da riqueza do referencial teórico produzido por Milton Santos e da

sua inquietação intelectual: circuito inferior e circuito superior; configuração geográfica; estrutura, forma, função e processo; formação socioespacial; fixos e fluxos; horizontalidades e verticalidades, meio técnico-científico-informacional; psicosfera e tecnosfera; rugosidade; sistemas de objetos e sistemas de ações; território ocupado; entre outros. Além da questão teórica, é necessário destacar seu posicionamento político contra o pensamento único e a globalização e em defesa dos pobres e dos lugares subordinados.

Outro aspecto a destacar na carreira de Milton Santos é a do grau de reconhecimento nacional e internacional, representado no prêmio internacional Vautrin Lud, os 14 títulos de Doutor *Honoris Causa*, a participação em comitês de redação das Revistas *Terra-Livre* (São Paulo), *Antipode* (E.U.A.), *Urbana* (Venezuela), *Leguas* (Argentina), *Herodote* e *Espaces-Temps* (França), entre outras; assim como os convites para realizar conferências e pesquisas em mais de 20 países (México, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Cuba, República Dominicana, Colômbia, Argentina, Uruguai, Portugal, Espanha, Tunísia, Argélia, Senegal, Costa do Marfim, Gana, Togo, Benin, Índia e Japão), além da participação como consultor em órgãos internacionais (Nações Unidas, OIT, Unesco OEA, Governos da Argélia e Guiné-Bissau, Senado da Venezuela).²³

Fica, finalmente, a questão da sua condição de intelectual negro: depoimentos, como o do amigo Tricart, informam da dificuldade de reconhecimento a um redator “negro”, conforme depoimento dos funcionários do jornal *A Tarde*²⁴; ou do afeto, misturado com o desvio da cor, de um modesto funcionário da CPE, dado pelo testemunho de Vital Duarte, segundo o qual Milton não era negro, mas “azul marinho”²⁵; ou ainda, pela afirmação de colega argentino, de que o autor “parecia acercarse más al de un jugador de fútbol brasileiro que al de un geógrafo”.²⁶ O próprio Milton me contou que lhe incomodava muito o fato dos comissá-

²³ Souza, *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo*, pp. 486-487.

²⁴ J. Tricart, “Negro só pode ser africano”, in Maria Adélia de Souza (org.), *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo* (São Paulo, Hucitec, 1996), p. 66.

²⁵ Vital da S. Duarte, “Velhos amigos, amizade renovada”, in Maria Adélia de Souza (org.), *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo* (São Paulo, Hucitec, 1996), p. 75

²⁶ Carlos Reboratti, “El ‘Efecto Milton’: Milton Santos y la geografía en la Argentina”, in Maria Adélia de Souza (org.), *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo* (São Paulo, Hucitec,

rios de bordo das companhias aéreas brasileiras sempre responderem as suas perguntas em inglês ou francês, no processo inconsciente de que um negro bem vestido e educado, em vôo internacional, não poderia ser brasileiro, e sim embaixador de algum país africano. Por outro lado, a vivência na Tanzânia e em outros países da África o fez descobrir que era brasileiro: “eles não me reconheciam. Creio que o movimento negro é um pouco equivocado nessa extrema vocação externa, em olhar para os Estados Unidos, olhar para a África. Evidentemente viemos todos de lá, mas somos outra coisa”.²⁷ Embora Milton Santos não participasse diretamente do movimento negro, ele colaborou com este diversas vezes, e era bastante consciente e crítico das dificuldades dos negros no Brasil. Em entrevista para a Folha de São Paulo, ele registrou que aqui o negro era objeto de um “olhar enviesado”, e que não se pode esconder que há diferenças sociais e econômicas estruturais correspondentes a uma forma de “apartheid à brasileira”, contra o qual deveríamos reagir para que o negro pudesse, no futuro, ser “plenamente brasileiro no Brasil”.²⁸

Bibliografia selecionada de Milton Santos

1. *O povoamento da Bahia: suas causas econômicas*, Salvador, Imprensa Oficial, 1948.
2. “Geografia antiga e moderna”, *Revista da Educação e Cultura*, Salvador, 1952.
3. *Estudos sobre geografia*. Salvador, Tipografia Manú, 1953.
4. *Os estudos regionais e o futuro da geografia*, Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1953.
5. *Ubaitaba, estudo de geografia urbana*, Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1954.
6. *Zona do cacau, introdução ao estudo geográfico*, Salvador, Imprensa Oficial da Bahia; Artes Gráficas, 1955. 2ª edição, Companhia Editora Nacional, São Paulo, Col. Brasiliana, vol. 296, Biblioteca Pedagógica Brasileira, 1957.

²⁷ Santos, *Território e Sociedade*, p. 100.

²⁸ Folha de São Paulo, 07.05.2000, conforme: <http://paulodimas.vila.bol.com.br/variedades/variedades-07.htm>

7. *Estudos de Geografia da Bahia*, Salvador, Livraria Progresso Editora, 1958.
8. *Localização industrial*, Em colaboração com D. Jacobina. Estudos e Problemas da Bahia. Salvador, CPE (Ed. mimeografada), 1958.
9. *O Centro da Cidade de Salvador*, Salvador, Livraria Progresso Editora, 1959.
10. *A cidade como centro de região*, Salvador, Universidade Federal da Bahia. Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais; Imprensa Oficial, 1959.
11. *A rede urbana do Recôncavo*, Salvador, Universidade Federal da Bahia. Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais; Imprensa Oficial, 1959; In: M. Brandão (org.), *Recôncavo da Bahia. Sociedade e economia em transição*, (Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997), pp. 59-100.
12. “Quelques problèmes géographiques du centre de la ville de Salvador”, *L'Information Géographique*, 3, Paris, 1959.
13. *Marianne em Preto e Branco*, Salvador, Livraria Progresso Editora, 1960.
14. *A cidade nos países subdesenvolvidos*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
15. *Croissance démographique et consommation alimentaire dans les pays sous-développés*, I) Les données de base; II) Milieux géographiques et alimentation, Paris, Centre de Documentation Universitaire (CDU), 1967; *Manual de geografia urbana*, São Paulo, Hucitec, 1981.
16. *Aspects de la géographie et de l'économie urbaine des pays sous-développés*, 2 fasc. Paris, Centre de Documentation Universitaire (CDU), 1969; *Geografía y economía urbanas en los países subdesarrollados*, Barcelona, Oikos-Tau, 1973..
17. *Dix essais sur les villes des pays sous-développés*, Paris, Ed. Ophrys, 1970.
18. *Le métier du géographe en pays sous-développés*, Paris, Ed. Ophrys, 1971; *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo*, São Paulo, Hucitec, AGB, 1978.

19. “La ville et l’organisation de l’espace dans les pays sous-développés”, *Revue Tiers Monde*, 45, Presses Universitaires de France, 1971.
20. “Modernisations et espaces derives”, *Revue Tiers Monde*, 50, Presses Universitaires de France, 1972.
21. *Les villes du Tiers Monde*, Paris, Ed. Génin, Librairies Techniques, 1971; *A urbanização desigual*, Petrópolis, Vozes, 1980.
22. “Brazil: underdeveloped industrialized country” in *Underdevelopment and poverty: a geographer’s view*. Toronto, The Latin American in Residence Lectures, University of Toronto, 1972-1973, 1975.
- 23 “La urbanización dependiente en Venezuela” in M. Castells (org.), *Imperialismo y Urbanizacion en America Latina*, (Barcelona, Gustavo Gili, 1973), pp. 97-110.
24. *L’espace partagé*, Paris, Editions Librairies Techniques, M.-Th. Génin, 1975; *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*, Rio de Janeiro, Liv. Ed. Francisco Alves, 1978; *The Shared Space: the Two Circuits of the Urban Economy in Underdeveloped Countries*, London, Methuen, 1979;
25. “Industrialização, metropolização e organização do espaço”. Tese escrita para Concurso de Professor Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia, 1975.
26. “Underdevelopment in the Third World: I, Socio-Economic Formation and Space”, *Antipode*, v.9, 1, Worcester, Mass., USA, February, 1977.
27. “Underdevelopment in the Third World: II, Mode of Production and Third World Urbanization; III, Geography and Planning”, *Antipode*, v.9, 3, Worcester, Mass., USA, December, 1977.
28. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*, São Paulo, Hucitec-Edusp, 1978; *Pour une géographie nouvelle*, Paris, Publisud, 1985; *Por una geografía nueva*, Madrid, Espasa-Calpe, 1990.
29. *Pobreza Urbana*, São Paulo, Hucitec, 1978.
30. *Economia espacial: críticas e alternativas*, São Paulo, Hucitec, 1978.
31. *Espaço e Sociedade*, Petrópolis, Vozes, 1979.
32. “Do espaço sem nação ao espaço transnacionalizado”, in H. Rattner (org.), *Brasil 1990, Caminhos alternativos do desenvolvimento*, (São Paulo, Brasiliense, 1979), pp.143-160.

33. *Pensando o espaço do homem*, São Paulo, Hucitec, 1982.
34. *Ensaio sobre a urbanização latino-americana*, São Paulo, Hucitec, 1982.
35. *Novos rumos da geografia brasileira* (Org.), São Paulo, Hucitec, 1982.
36. “Geografia, marxismo e subdesenvolvimento”, in R. Moreira (org.), *Geografia: teoria e crítica. O saber posto em questão*, (Petrópolis, Vozes), pp.13-22.
37. *Espaço e método*, São Paulo, Nobel, 1985; “Espacio y método”, *Geocrítica*, 65, Septiembre 1986, Universidad de Barcelona; *Espace et méthode*, Paris, Publisud, 1990.
38. *A construção do espaço* (Ed. com Maria Adélia de Souza), São Paulo, Nobel, 1986.
39. *O espaço interdisciplinar* (Ed. com Maria Adélia de Souza), São Paulo, Nobel, 1986.
40. *O espaço do cidadão*, São Paulo, Nobel, 1987.
41. *Metamorfoses do espaço habitado*, São Paulo, Hucitec, 1988; *Metamorfosis del espacio habitado*, Barcelona, Oikos-Tau, 1996.
42. *Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo*, São Paulo, Nobel, 1990.
43. *A urbanização brasileira*, São Paulo, Hucitec, 1993.
44. *Fim de século e globalização* (Ed. com Maria Adélia de Souza, Francisco C. Scarlato e Mónica Arroyo), São Paulo, Hucitec-ANPUR, 1993.
45. *Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica*, (Ed. com Maria Adélia de Souza, Francisco C. Scarlato e Mónica Arroyo). São Paulo, Hucitec-ANPUR, 1993.
46. *Globalização e espaço latino-americano*, (Ed. com Francisco C. Scarlato, Maria Adélia de Souza e Mónica Arroyo). São Paulo, Hucitec-ANPUR, 1993.
47. “Tendências da urbanização brasileira no fim do século XX”, in A. F. A. Carlos (org.), *Os Caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano*, (São Paulo, Edusp, 1994), pp.17-26.

48. *Por uma economia política da cidade*, São Paulo, Hucitec, Editora PUC-SP, 1994.
49. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*, São Paulo, Hucitec, 1994.
50. *Território, globalização e fragmentação*, (Ed. com Maria Adélia de Souza e Maria Laura Silveira). São Paulo, Hucitec-ANPUR, 1994.
51. *Problemas geográficos de um mundo novo*, (Ed. com Maria Adélia de Souza, Francisco Scarlato e Mónica Arroyo). São Paulo, Hucitec-ANPUR, 1995.
52. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*, São Paulo, Hucitec, 1996; *La nature de l'espace*, Paris, L'Harmattan, 2000; *La Naturaleza del Espacio*, Madrid, Ariel.
53. *De la totalidad al lugar*, Barcelona, Oikos-Tau, 1996.
54. *Por uma outra Globalização. Do Pensamento único à consciência universal*, São Paulo, Record, 2000.
55. *Território e Sociedade. Entrevista com Milton Santos*, São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
56. *O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI*, (Em conjunto com Maria Laura Silveira). São Paulo, Record, 2001.

Bibliografia sobre Milton Santos

- Carlos, Ana Fani A. (org.), *Ensaio de geografia contemporânea. Milton Santos: obra revisitada*, São Paulo, Hucitec, 1996.
- Souza, Maria Adélia A. (org.), *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo*, São Paulo, Hucitec, 1996 [65 depoimentos e *Curriculum Vitae*].
- Vasconcelos, Pedro de A. *Dois Séculos do Pensamento sobre a cidade*, Ilhéus, Editus, 1999 [Comentários dos livros de 1959, 1965, 1971, 1975, 1990, 1994].

Outras fontes utilizadas

Dosse, François. *História do Estruturalismo: o canto do cisne de 1967 aos nossos dias*, Vol. 2, Campinas, Ensaio, 1994.

Entrevistas

- Entrevista com o Professor Milton Santos. *Geosul*, No 12/13 – 2º sem. 1991 e 1º sem. 1992 (Publicada originalmente no Número 7, 1º sem. 1989).

- “O mundo não existe”. Entrevista: Milton Almeida dos Santos, revista *Veja*, 16/11/1994.

- Um encontro [Gilberto Gil entrevista Milton Santos]. São Paulo, 01 de setembro de 1996. (<http://www.gilbertogil.com.br/santos/entrevis.htm>).

- Entrevista com o Professor Milton Santos. Publicada na Revista *Caros Amigos*, No 17, de agosto de 1998 (<http://www.cfh.ufsc.br/~imprimat/entrevista/milton-santos.htm>).

- Entrevista com Milton Santos. Pensamento em combate. Por C. Cordovil, *Revista Estratégias do Trabalho Escolar*, outubro 1998 (<http://www.ced.ufsc.br/~turma787/entrevD1.htm>).

- “Ética enviesada na sociedade branca desvia enfrentamento do problema negro”, *Folha de São Paulo*, Mais, 7/5/2000 (<http://paulodimas.vila.bol.com.br/variedades/variedades-07.htm>)

- Entrevista a M. N. Moreira, “A Universidade se burocratizou”, *Jornal do Brasil*, 27/8/2000 (<http://www.ufop.br/uthora/milton.htm>)

Jornais e Revistas

A unidade africana, *A Tarde*, 08/02/1962, p. 05.

Às Portas do Futuro, *A Tarde*, 24/02/1962, p. 05.

Nossos irmãos africanos, *A Tarde*, 12/03/1962, p.05.

Anexo

A Tarde, 12/03/1962

“Nossos irmãos africanos”²⁹

Dakar, março

Parece que foi em 1956. Um belo dia, na redação, quando da visita a Bahia de cacauicultores de Ghana o dr. Simões me chamou e sugeriu: escreva um artigo com o título seguinte — “Nossos irmãos africanos”. Esse artigo, não me lembro por que, não o escrevi, na ocasião da encomenda. Faça-o agora.

Alguns rapazes bisonhos, ouvindo a sugestão do nosso chefe, imaginaram tratar-se de mais uma daquelas inimitáveis manifestações de ironia, com que êle se revelava insuperável. Era preciso desconhecer a consideração com que sempre me tratou e, igualmente, o aprêço que tinha pelos homens de côr de sua terra para imaginar semelhante coisa. Confesso, porém, que eu próprio não atinara com tôda a significação e profundidade do assunto proposto. Esta segunda viagem que faço à África impede-me adiar para uma terceira a satisfação do compromisso. A minha experiência pessoal, nestas terras donde partiram os antepassados, meus e de tantos outros bahianos que não guardaram sua árvore genealógica, talvez aconselhasse uma troca de título. De fato, são os africanos que se sentem irmãos de todos os demais pretos do mundo. Se a recíproca não fôr verdadeira — e não é tanto assim — nem por isso a irmandade se desfaz. Fique o título.

Já tenho sido tomado por africano em outras partes do mundo. Nunca me havia ocorrido ser tomado por africano na África. A bela experiência, que tivera pela primeira vez em 1958, repetiu-se, agora, em condições ainda melhores. Perdoem-me os leitores êste lapso autobiográfico. É a única forma de que disponho para ilustrar o artigo com fatos vividos por mim; e que o leitor talvez, e por motivos óbvios, não pudesse viver.

Não foi uma, nem foram duas vêzes que no Senegal fui tomado por dahomeano, no Togo por senegalês, na Costa do Marfim e em Ghana

²⁹ N.E.: foi mantida a ortografia da época.

por togolês. As combinações foram múltiplas, como na Matemática. E até por americano do norte, para meu desespero. Por brasileiro, jamais. E se não me trocaram por ganense, é que não parto o cabelo a navalha, nem trago o bigode à inglesa. E falo esta língua abaixo de ruim. Ora, o francês é a linguagem comum dos homens cultivados de tôda a África ex-francesa. Como tenho a aparência de homem cultivado e eu, como os outros, falamos a língua de Molière com incrível sotaque, a confusão ficou facilitada. Aliás, alguns africanos até me mimosearam com um elogio, segundo o qual eu falava francês exatamente como êles.

Não ficou nisso, porém, a semelhança encontrada. Pedindo uma informação na zona cacaeira da Costa do Marfim a um senhor que passava, êle me perguntou em seguida: você não é filho de Pierre que mora em Grand Bassam? Outro — êste um francês dono de bar — em Lomé, recebendo-me pela segunda vez em seu estabelecimento, chamou-me, lampeiro, a um canto, para dizer que em mim havia reconhecido um dos participantes do Golden Gate Quartet, que viriam exhibir-se na capital do Togo, naquela mesma semana. Admiti a celebridade, da qual me escondera, na pele de professor e jornalista. E pedi ao meu “fan” que guardasse o segrêdo, para que pudesse passar alguns dias tranqüilo. Mais lisonjeiro, porém, foi o que sucedeu à descida no aeroporto de Dakar. Um padre brasileiro, vendo-me desembarcar, com êle, do DC-8 da Panair, logo quis saber de que clube de futebol se tratava. Mas não me reconheceu: o coitado certamente não tem tempo de ler revistas esportivas. Já o aduaneiro africano, ao revistar meu passaporte, arriscou a pergunta: não é o senhor o famoso jogador do Brasil? Disse-lhe que infelizmente não era. Afinal, o que vale, no Brasil, um professor universitário?

Em tôda parte, porém, uma grande simpatia pelo Brasil, país onde os pretos são numerosos e cuja propaganda inclui, obrigatoriamente, o “slogan”, segundo o qual “não possuímos qualquer preconceito de côr”. Isso agrada aos africanos que, aliás, muito orgulhosamente, me transmitem a informação. Em diversas localidades foi-me dito que a vitória brasileira na Copa do Mundo foi dêles também. Há, na verdade, aqui, uma concepção universalista do mundo negro, que reúne, num mesmo abraço fraterno, os pretos da própria África, bem como os das Américas, do Sul, Central e do Norte. As expressões comuns dessas raízes dentre as

quais a música, muitas vezes são inconscientes delas, no novo continente. Na África, porém, e entre os africanos, ela é bem viva e atuante. Possivelmente os longos anos de servidão e de colonialismo de tal modo opuseram uma humanidade colonizadora e branca a uma outra humanidade colonizada e negra que os povos africanos acabaram por admitir que essa divisão do mundo em homens com raças diferentes e destinos e condições de fortuna e bem-estar diferentes não podia ser sem consequências. Daí a profunda simpatia em relação a qualquer homem de côr venha donde êle vier; e uma certa desconfiança em relação aos brancos. Alguns sociólogos costumam chamar a essa reação de “racismo anti-racista”. Prefiro não denominar tal sentimento com palavras tão difíceis de definir. A verdade, porém, é que êle, de base que serviu para os múltiplos nacionalismos e desenvolvimentos regionais, é, agora, um dos seus principais alimentos. A africanização da África, uma espécie de doutrina Monroe cabocla, avança a passos largos, nos escritórios, nas repartições, nos bancos, na Igreja, no govêrno etc., mas é um resultado tanto dêsse nacionalismo negro com da ascensão de uma burguesia e de uma classe média africanas da formação recente de quadros, para a administração e os negócios. Mas a convivência entre pretos e brancos pareceu-me perfeita, no plano das relações sociais e de trabalho, nos países da África Ocidental que visitei.

Convivência perfeita não significa que, em certos casos, uns não queiram ver os outros pelas costas. Um antigo ministro da Costa do Marfim falou-me do ideal que seria a ajuda aos povos africanos pelos seus descendentes das Américas. Ponderou, porém, sabiamente, das dificuldades de uma tal transferência, ensaiada na Libéria. Mas há posições extremas como a daquele tabelião de Ouidah, o que me fêz bravo apêlo para que largasse meu trabalho no Brasil e viesse ajudar o antigo reino do Dahomey a se reerguer, sob pena de ser (eu) considerado um “peccador e criminoso”. O homem insistiu na proposta com tanta veemência que preferi lhe dizer que iria estudar seu assunto.